

COMÉRCIO INTERNACIONAL TÊXTIL CEARENSE: A LONGA TRAJETÓRIA DE UMA INDÚSTRIA AO COLAPSO¹.

Área 06: Globalização e competitividade regional

Erielton Alves de Lima

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

erielton49@hotmail.com

Luís Abel da Silva Filho

Doutor em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA.

abeleconomia@hotmail.com

Resumo: a inserção de produtos manufaturados no comércio internacional tem forte impacto para economias em desenvolvimento. Nesse sentido, a pretensão deste artigo é observar o comportamento da produção têxtil cearense no mercado internacional. Metodologicamente, recorre-se a construção de indicadores de participação, a partir dos dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) para o período entre 1997 e 2012. Os resultados mostram a perda de participação do setor têxtil cearense na pauta de exportações do Estado. Ademais, o setor têxtil cearense perde a competitividade revelada ao longo dos anos, reduzindo-se o indicador e não apresenta vantagens relativas nas exortações têxteis na maioria dos anos observados. Com isso, percebe-se a perda de participação do setor nas exportações do Estado que pode está relacionada a vários fatos que influenciam no comércio internacional, seja pelas questões institucionais: redução de acordos comerciais; seja pela dinâmica macroeconômica: alterações cambiais e concorrência acirrada com a entrada de outros países no mercado exportador; ou ainda, pela questão logística e produtiva do setor no Estado (baixa capacidade de inovação).

Palavras-chave: industrial têxtil, competitividade internacional, Ceará.

Abstract: the insertion of manufactured products in international trade has strong impact on developing economies. In this sense, the intention of this article is to observe the behavior of Ceará textile production in the international market. Methodologically, one relies on the construction of indicators of participation, from the data of Analysis (ALICE-WEB) System of Foreign Trade Information via the Internet, the Bureau of Foreign Trade (SECEX), the Ministry of Development, Industry and Trade (MDIC) for the period between 1997 and 2012. Results show the loss of Ceará textile sector participation in the exports of the State. Moreover, Ceara textile sector competitiveness loss revealed over the years, reducing the window and shows relative advantages in textile exhortations observed in most years. With this, we see the loss of private sector participation in the State's exports that could be related to several facts that influence the international trade, or by institutional issues: reduction of trade agreements, either by macroeconomic dynamics: exchange rate changes; or alternatively, the question of logistics and production sector in the state (low innovativeness).

Keywords: textile industry, international competitiveness, Ceará.

¹ Artigo Publicado nos Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos – ENABER, Rio de Janeiro – outubro de 2019.

JEL: F00; F1; F4.

1. Considerações iniciais

Os padrões de exigência para a inserção no comércio mundial vêm se tornando cada vez mais elevados ao longo dos anos. As teorias do comércio internacional postulada nas vantagens relativas e absolutas deixaram de explicar sobremaneira o comércio mundial entre países, entrando em pauta de discussão uma série de fatores que influenciam as relações comerciais, tais como: inovação tecnológica da produção, acordos comerciais, criação e destruição de produtos no mercado, incentivos fiscais, dentre outros (FRANCISCHINI & AZEVEDO, 2003a; 2003b; KON & COAN, 2005; SILVA FILHO, 2014).

A aproximação dos mercados, tem se tornado uma constante para a entronização de produtos manufaturados na economia internacional (MELO *et al.*, 2007). Indústrias do setor manufatureiro, sobretudo, aproximam-se dos mercados consumidores descolando a produção estrategicamente para áreas de maior facilitação do escoamento, considerando-se a intensidade tecnológica e a logística empresarial (KON & COAN 2004; MELO *et al.*, 2007).

Nesse sentido, a industrial têxtil brasileira passou por um profundo processo de reestruturação produtiva, pautada na desconcentração industrial, com o fito de aproximar-se dos principais mercados consumidores nacionais. O Nordeste, com destaque para o Estado do Ceará, foi sobremaneira beneficiado com a elevação do número de estabelecimentos fabris com a proposta de produção para o mercado externo, à luz do processo de reestruturação produtiva da indústria brasileira nos anos de 1990 (SILVA FILHO, 2014).

Nesse sentido, a indústria têxtil cearense consolidou-se no mercado doméstico refletindo-se em produção acentuadamente elevada (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2011). Todavia, é oportuno enfatizar que o setor passou por forte processo de redução da participação na pauta de exportações do Estado, consolidando-se a ideia de que a entronização no comércio internacional é resultado de uma série de fatores relacionado a estratégias de comércio e a dinâmica internacional, não sendo traduzida tão somente na aproximação comercial dos mercados (FRANCISCHINI & AZEVEDO, 2003; KON & COAN, 2005; SILVA FILHO, 2014).

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica internacional da produção têxtil cearense entre os anos de 1997 e 2012. Os dados são oriundos do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e foram captados seguindo a metodologia de Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, para o setor na Nomenclatura Comum do Sul – NCM.

Para atender o objetivo proposto, o artigo encontra-se, assim estruturado: além das considerações iniciais, a segunda seção faz algumas considerações acerca da trajetória da indústria têxtil no Ceará; na terceira seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados; na quarta seção, recorrem-se aos indicadores de participação cearense da indústria têxtil no comércio mundial; na quinta seção, apresentam-se os índices de vantagens relativas e de competitividade revelada; e, por último, na sexta seção, tecem-se as considerações finais.

2. Evolução da dinâmica produtiva industrial e têxtil no Ceará

Historicamente, o Estado tem relevante importância no processo de industrialização brasileira. Todos os setores da indústria de transformação foram, de alguma forma,

beneficiados pelas ações da União ao longo do processo de industrialização no país. Porém, é pertinente destacar a maior prática estadista brasileira a partir do final da Segunda Guerra Mundial, onde se registra relevantes políticas estadistas desenvolvidas com o fito de proporcionar o desempenho da industrialização por etapas. Dentre elas, destacam-se a política do Governo Vargas; o plano de Metas; e o II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND (GUIMARAES NETO, 1997; DINIZ, 2001).

No período do governo de Getúlio Vargas, sobretudo, há uma mudança do papel do Estado, que passa a atuar como elemento central do desenvolvimento da indústria, investindo diretamente na economia, com o intuito de industrializar o país. Por conta desse propósito, deflagraram-se barreiras protecionistas, investiram-se em infraestrutura e concederam-se empréstimos financeiros para as fábricas (DINIZ, 2001).

Em relação ao Nordeste, considerado no período a “região problema”, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em 1959, no ápice da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. O propósito era integrar a região ao restante do país, por meio de intervenção direta e planejada na região (GUIMARÃES NETO, 1989; DINIZ, 2001). Com a criação da SUDENE, registrou-se a primeira instituição que, de fato, teria a missão de desenvolver políticas específicas para orientar o processo de desenvolvimento da indústria na região Nordeste.

Segundo Guimarães Neto (1989), em estudos realizados pela SUDENE no final da década de 1950, foram identificados os principais problemas da indústria têxtil nordestina, considerada um setor de grande relevância para a região. Essa indústria foi tradicionalmente uma das pioneiras e mais importantes atividades industriais na região, que contava com matéria-prima em abundância, dado pela produção de algodão em quase todos os Estados. Porém, os problemas não são apenas do lado da oferta de recursos. A administração dos recursos também devem ser considerada. Os principais problemas registrados por Guimarães Neto (1989), são os seguintes:

- (i) *A incompatibilidade entre a produção de tecido e o mercado em que esses produtos estariam inseridos;*
- (ii) *O sucateamento de máquinas e equipamentos;*
- (iii) *Os problemas administrativos; e*
- (iv) *a falta de uma política setorial de financiamento.*

Identificados os principais problemas, a SUDENE lança, em 1961, o *Programa de Reequipamento da Indústria têxtil*. Tal programa pretendia reequipar as fábricas e modernizar os equipamentos obsoletos. Foram aprovados cinco projetos de fábricas cearenses desse setor, na forma de financiamento e incentivos à reestruturação das unidades fabris, dando sobrevida, ou melhor, impedindo que o setor fosse destruído durante a década de 1960 (ARAGÃO, 2002).

Para Aragão (2002), outro ponto favorável durante a década de 1960 foi a conjuntura interna do Ceará, que facilitou a entrada dos incentivos Federais. No governo de Virgílio Távora, evidenciou-se uma modernização do Estado, principalmente no que tange ao setor de infraestrutura, criando-se, assim, condições suficientes para o surgimento de um parque industrial mais moderno.

Em 1963, nesse Estado, foi implementado o primeiro plano econômico, conhecido como o Plano de Metas Governamental (PLAMEG), que no Governo Virgílio Távora, tinha como objetivo a ampliação de infraestrutura, visto que o Estado apresentava grandes deficiências. A criação de empresas públicas de planejamento e estímulo ao desenvolvimento industrial, do banco estadual e dos distritos industriais, ocasionou em um novo modelo de desenvolvimento para o Estado do Ceará, que foi

seguido por novos planos econômicos elaborados pelos Governadores das gestões seguintes (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009, p. 318).

As novas fábricas no Ceará, em especial as têxteis, chegaram à plenitude na década de 1970, quando obtiveram melhores desempenhos em decorrência das instalações industriais. A essa época, as políticas de incentivos fiscais instituídas pelo Estado do Ceará já se encontravam em cursos, dando suporte às estratégias de desenvolvimento industrial (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009). Ademais, ressalte-se que o Governo Federal promoveu aperfeiçoamento na forma dos incentivos para obter os melhores resultados no desenvolvimento das fábricas nordestinas (ARAGÃO, 2002).

Nos anos 1970, é criado o Fundo de Investimentos para o Nordeste (FINOR), isso revelou uma ruptura nas políticas públicas de incentivo à industrialização. A política de gerar emprego a qualquer custo foi deixada de lado. Outro ponto atribuído ao FINOR foi a abertura de filiais de empresas do Centro-Sul no Nordeste. Dessa forma, poder-se-iam integrar economicamente as regiões do país (ARAGÃO, 2005).

Para o setor têxtil, o Ceará foi o Estado que mais recebeu financiamento pelo FINOR. O perfil da indústria têxtil do Estado era formado por 50% de empresas de pequeno porte (de 10 a 99 empregados), enquanto as empresas que geravam mais de 250 empregos (grande porte) representavam apenas 3,1%. Com a introdução do programa de financiamento do FINOR aumentou o número das empresas de grande porte, mas nada que pudesse mudar o perfil das fábricas (ARAGÃO, 2002)².

Ao se iniciar a década de 1980, em comparação com os anos 1950, evidencia-se a diversificação de produtos da indústria têxtil cearense. O setor cresceu e se capacitou. Entretanto, com diversificação muito lenta, mesmo tendo recebido uma gama bastante elevada de incentivos financeiros e fiscais, provenientes tanto do setor público quanto do privado. Quanto às novas tecnologias, as décadas 1960 e 1970 ficaram marcadas por fortes investimentos, mas a década de 1980 deixou a desejar, apenas aproveitou a evolução tecnológica das décadas passadas (SOARES & CARTAXO, 1987).

Conforme Aragão (2002), na década de 1980, o Brasil enfrentava forte crise, mas o setor têxtil cearense seguia um caminho diferente, apresentando crescimento de seu parque e a estabilização das grandes empresas. Tal fenômeno se deveu à tentativa do governo local, a partir do uso de uma política de incentivos fortemente estruturada na promoção da indústria no Estado (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009) e na necessidade de manter as taxas de crescimento de anos anteriores, que foi possível através do esforço em formar parcerias com o Governo Federal, reforçando-se assim os incentivos da SUDENE.

A indústria têxtil local no decorrer da década ganhou maior relevância, evidenciando o Estado de maior expressão no setor, entre os Estados da região Nordeste. O setor aumentou a participação na balança comercial do Ceará, com principalmente os fios que chegaram à terceira colocação, e os tecidos à oitava no ano de 1987. Dois anos após, os fios alcançaram o segundo lugar, enquanto os tecidos ficaram em sexto (ARAGÃO, 2002).

Os anos 1990 ficaram marcados pela mudança na conjuntura internacional e nacional. O Brasil mudou completamente a forma de encarar o comércio externo, diante das transformações macroeconômicas vivenciadas pelo país (BALTAR, 2003; DEDECCA, 2003; SILVA FILHO, 2014). A abertura comercial brasileira forçou uma reestruturação da indústria como um todo, a fim de que continuasse a competir em um mercado mundial, e com uma

² Todavia, é importante relatar, que, em estudos mais recentes, Silva Filho & Queiroz (2011) mostram que há forte concertação de indústrias têxteis de médio e grande porte no Ceará. Em 1998, 60,2% dos ocupados na indústria têxtil cearense estavam em estabelecimentos que empregam formalmente mais de 100 trabalhadores. Em 2008, ainda segundo estudo dos autores, houve redução consideravelmente, mas ainda registraram-se 50,9% de ocupados formais em estabelecimentos desse porte.

peculiaridade: sem as políticas protecionistas do governo, que beneficiavam as indústrias locais até aquele momento (NAVARRO, 1998; CÍCERO, 2011; JINKINGS, 2002).

Nesse contexto, Diniz (2000) enaltece a realocação das indústrias tradicionais (como têxtil e de calçados), mediante transferência delas em direção ao Nordeste, em busca de incentivos fiscais e mão de obra de menor custo. Assistiram-se, assim, a partir daí, um forte movimento migratório de unidades produtivas industriais do setor calçadista e têxtil, sobretudo para Estados do Nordeste. O Ceará foi acentuadamente beneficiado, haja vista que o Estado atraiu muitas unidades produtivas, a partir da prática de incentivos fiscais e financeiros concedidos (SILVA FILHO, 2014).

Para Aragão (2002), a política de realocação das indústrias, provocada pela grande crise da indústria nacional, acaba beneficiando o parque industrial têxtil do Ceará, mediante o seu crescimento, como também interferindo diretamente na sua consolidação. Porém, isso não significa que as fábricas cearenses não tenham sido afetadas pelas crises de 1995. A defasagem cambial, a política *antidumping* criada na Europa e, em 1999, a máxima desvalorização dificultaram as exportações dos produtos do setor têxtil. A recuperação do setor só veio ocorrer após a desvalorização da moeda nacional, quando foi possível o aumento das exportações.

Nesse mesmo período, sobressaem os esforços dos governos locais no sentido de atrair as indústrias para o Ceará (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009). Além de incentivos fiscais, o poder público disponibilizava terrenos, pagava as contas de água e energia elétrica e em alguns casos, até telefone. Ademais, as empresas que se instalassem no interior do Estado, ficavam isentas do Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU. Ademais, reduziram-se impostos, o que contribuiu para a importação de máquinas e equipamentos mais modernos como também de matéria-prima (ARAGÃO, 2002).

As articulações desenvolvidas pelo Fundo de Desenvolvimento Industrial do Ceará – FDI para a atração de unidades produtivas em setores trabalho/intensivo, a exemplo do têxtil e calçadista, sobretudo, foram intensificadas. As unidades produtivas que fossem atraídas pelo Estado, ainda contavam com alíquotas diferenciadas de isenções e incentivos. O objetivo principal era atrair e desconcentrar indústrias das áreas metropolitanas e promover a industrialização do interior do Ceará. O FDI passou por 4 reformulações até 2008; e, em todas elas, a capacidade de geração de empregos das unidades produtivas eram fatores primordiais para seu incentivo pelo Estado (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2009; SOUSA & SILVA FILHO, 2015).

Diante do exposto, é possível visualizar na Tabela 01, que os incentivos fiscais do governo, assim como a política reestruturação da indústria brasileira, contribuíram vertiginosamente para o aumento do número de indústrias têxteis do Ceará. Os dados mostram crescimento expressivo no número de unidades produtivas têxteis ao longo dos anos.

Tabela 01. Número de indústrias têxteis no Ceará e variação percentual - 1985 a 2011 (1985=100%).

Serie temporal	1985	1990	1995	2000	2005	2011
Nº de fabricas	550	984	1.423	1.851	2.390	3.557
Variação%	100	78,91	44,61	30,08	29,12	48,83

Fonte: RAIS/MTE, elaboração dos autores.

Evidencia-se, na década de 1990, elevação de aproximadamente 88,0% no número de fábricas, passando de 984 no ano de 1990 para 1.851 no ano 2000. Essa mesma tendência continuou ao longo dos anos seguintes, chegando ao ano de 2011 com 3.557 unidades fabris. Isso consolidou o setor têxtil entre os maiores na indústria de transformação cearense.

Conforme se pode observar, a variação percentual foi significativa, uma vez que a variação acumulada foi de 543,7% entre 1985 e 2011.

Entre os anos de 1985 e 1990, bem como 2005 e 2011, se registraram as maiores variações percentuais nos estabelecimentos têxteis no Ceará. Nesses anos, as variações foram de 78,9% e 48,8%, respectivamente. O crescimento expressivo entre os anos de 1985 a 1990 pode ser explicado pelo significativo processo de reestruturação produtiva industrial brasileira e pela forte corrente migratória de indústrias trabalho/intensivas para o Nordeste, sobretudo para os Estados que executaram políticas efetivas de incentivos fiscais (SILVA FILHO & QUEIROZ, 2011; SOUSA & SILVA FILHO 2015). Já o crescimento expressivo de 2005 a 2011 pode ser atribuído à conjuntura internacional (CINTRA, 2005; REMY *et al.*, 2012) favorável às exportações de manufaturas brasileiras. Isso emplacou o crescimento do setor têxtil em proporções mais acentuadas nesse quinquênio.

Essa importante ressalva é fundamental para a análise, haja vista que o estudo pretende observar não só aspectos relacionados à industrialização têxtil no Ceará, mas a capacidade competitiva que a indústria têxtil cearense despontou ao longo dos anos. Essa competitividade internacional é resultado do processo de firmação dessa indústria enquanto atividade econômica de envergadura no Estado do Ceará.

3. Procedimentos metodológicos

Estudos que propõem abordar a dinâmica internacional da produção doméstica brasileira têm elevada relevância no contexto da produção nacional. Destarte, esta seção pretende descrever os procedimentos metodológicos utilizados para observar o comportamento da produção da indústria têxtil cearense no mercado internacional, considerando-se a parte de tecidos e confecções.

Os dados utilizados são oriundos do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Os anos compreendidos na pesquisa referem-se a 1997-2012 com foco no Estado do Ceará. Assim, foram analisados alguns índices, dentre eles destacam-se: Coeficiente de Dependência das Importações; Indicador de Esforço Exportador; Índice de *Verdoorn*; Índice de Especialização Comercial; Índice de Vantagem Relativa nas Exportações; e Índice de Competitividade Revelada.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2010) definiu como sendo 14 os Capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul – NCM, para avaliar as importações e exportações do setor têxtil e de confecções.

São eles, os aqui utilizados:

50 – *Seda.*

51 - *Lã, pelos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina.*

52 - *Algodão.*

53 - *Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel etc..*

54 - *Filamentos sintéticos ou artificiais.*

55 - *Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas.*

56 - *Pastas, feltros e falsos tecidos etc..*

57 - *Tapetes, outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis.*

58 - *Tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias etc..*

59 - *Tecidos impregnados, revestidos, recobertos etc..*

60 - *Tecidos de malha.*

61 - *Vestuário e acessórios de malha.*

62 - *Vestuário e seus acessórios, exceto malha.*

63 - *Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc.*

Para o cálculo do Coeficiente de Dependência das Importações, que indica o nível de penetração das importações no setor de determinado país, em Herrero (2001), tem-se:

$$D = \left(\frac{M_t}{PIB_t} \right) \quad (1)$$

Onde,

M = Importações de um país *i* em um tempo *t*;

PIB = Produto Interno Bruto do país *i* no tempo *t*.

O Indicador de Esforço Exportador é a forma mais simples de se medir o grau de abertura da economia e indica a parte do produto nacional que é dedicada aos mercados nacionais estrangeiros, explorado por Herrero (2001) na equação seguinte:

$$A_t = \left(\frac{X_t}{PIB_t} \right) \quad (2)$$

Onde,

X = Importações de um país (importação de um país do resto do mundo) *i* em um tempo *t* (exportação doméstica);

PIB = Produto Interno Bruto do país *i* no tempo *t* (país exportador).

O Índice de Verdoorn é a fórmula pioneira da medição do comércio intraindustrial (CII). É capaz de refletir a importância do CII no conjunto das transações externas de um país. Varia de zero (quando o país considerado não exporta o produto considerado) a infinito (quando o país exporta muito pouco do produto considerado, mas o importa em quantidades apreciáveis). O índice expressa o CII todas as vezes que seu valor é igual ou se aproxima da unidade. Nos dois casos extremos: zero e infinito, prevalece o comércio interindustrial (CIE), a partir do exposto por Herrero (2001), representado na fórmula a seguir:

$$V_{it} = \left(\frac{X_{it}}{M_{it}} \right) \quad (3)$$

Para tanto, X (*i*, *t*) e M (*i*, *t*) representam, respectivamente, as exportações e importações de um setor '*i*' determinado, de um dado país num tempo '*t*'.

O Índice de Especialização Comercial, conhecido como "Índice de Balassa", é considerado um índice de segunda geração. Aplica-se a um setor determinado da economia nacional, variando entre 0 e 1 ($0 < B_{i,j} < 1$). O valor nulo do índice indica que o setor nacional considerado encontra sua mais completa integração a idênticos setores localizados em outros países. O valor máximo igual à unidade exige que um dos termos - X *i*, *j* ou M *i*, *j* - seja nulo, o que indica que o país em questão ou só exporta ou só importa mercadorias do setor considerado e, portanto, este setor não apresenta nenhum grau de integração com semelhantes setores de outros países, veja-se Herrero (2001).

$$B_{ij} = \left[\left(\frac{|X_{ij} - M_{ij}|}{X_{ij} + M_{ij}} \right) \right] \quad (4)$$

No primeiro caso, indica a predominância do CII; no segundo, do CIE. Onde X e M, respectivamente, exportação e importação. Os subíndices indicam o setor 'i' e o país 'j'.

Em seguida, procura-se analisar a competitividade do Estado do Ceará nas exportações do setor têxtil. Aqui, o conceito de competitividade segue a tradicional denominação teórica elucidada numa série de investigações a esse respeito, onde a competitividade é definida como as variações da participação de uma região ou grupo de regiões no comércio internacional. Nessa perspectiva adota-se o proposto por Balassa (1965) aperfeiçoado por Vollrath (1989) nos índices seguintes.

O índice de vantagem relativa nas exportações VRE_{pi} é normalmente utilizado para observar o comportamento de uma região i nas exportações de determinado produto p em um período de tempo previamente estabelecido. A expressão que constitui o cálculo comporta-se da seguinte forma:

$$VRE_{pi} = LN \left[\frac{X_{pi} / X_{mi}}{X_{pr} / X_{mr}} \right] \quad (5)$$

Onde,

X = as exportações;

p = produto (setor têxtil);

i = região (Ceará);

m = agregado de todos os produtos, excluindo-se p (setor têxtil);

r = todas as regiões (Estados brasileiros), excluindo-se i (Ceará).

Quando $VRE_{pi}=0$, tem-se que as exportações do setor têxtil, no total das exportações do Ceará são idênticas à observada no Brasil. Nesse caso, o Ceará não revela vantagem nem desvantagem na comercialização; se $VRE_{pi}>0$, o Ceará revela vantagem na exportação do setor têxtil, entretanto, se $VRE_{pi}<0$, tem-se desvantagem.

No que concerne à competitividade revelada, esse índice é mais abrangente, levando em consideração todas as relações comerciais, sem necessariamente se deter nas exportações. Nesse caso, observam-se as importações e exportações de um setor comercializado pelo país ou região. Assim, o índice se constitui a partir da expressão que se segue:

$$ICRV_{pi} = LN \left[\left(\frac{X_{pi} / X_{mi}}{X_{pr} / X_{mr}} \right) / \left(\frac{M_{pi} / M_{mi}}{M_{pr} / M_{mr}} \right) \right]$$

(6)

Onde,

M = Importações;

p = produto (setor têxtil);

i = região (Ceará);

m = agregado de todos os produtos, excluindo-se p (setor têxtil);

r = todas as regiões (Estados brasileiros), excluindo-se i (Ceará).

Para a interpretação do $ICRV_{pi}$, tem-se a mesma lógica utilizada anteriormente para o VRE_{pi} . Desta forma, o estudo analisará os dois indicadores apresentados como método empírico de abordagem para as vantagens relativas e a competitividade revelada.

A partir do exposto, pretende-se verificar as questões levantadas nesse estudo, acerca do setor têxtil no Estado do Ceará.

4. Comportamento da balança comercial do setor têxtil

O comportamento do comércio cearense apresentou expressivo crescimento na década de 2000, seguindo a tendência registrada para o país, já destacado em Cintra (2005) e Silva Filho (2014). Isso pode ser notado a partir do aumento vertiginoso no fluxo do comércio exterior do Ceará, 216,9%, levando-se em consideração os anos de 2003 a 2012. Em relação ao PIB, as exportações vêm perdendo espaço na sua formação, mas as importações encontram-se estáveis nesse ponto. Vale ressaltar que o comércio exterior está perdendo espaço na composição do PIB do Estado. No âmbito nacional, as exportações apresentam a mesma trajetória, evidenciando-se a ausência de estratégias que contribuam para o aumento da competitividade das indústrias locais diante do comércio internacional (SOUZA *et al.*, 2013).

No que concerne à balança comercial do setor têxtil brasileiro (Gráfico 01), pode-se verificar que ele apresentou trajetória ascendente a partir de 1997. Nesse mesmo ano, o saldo era negativo, tornando-se, em 2001, positivo, chegando ao pico no ano de 2005, quando muda de sentido, vindo a mostrar uma característica descendente, e já no ano seguinte, 2006, volta ao Estado deficitário, onde se encontra até o último ano analisado (2012).

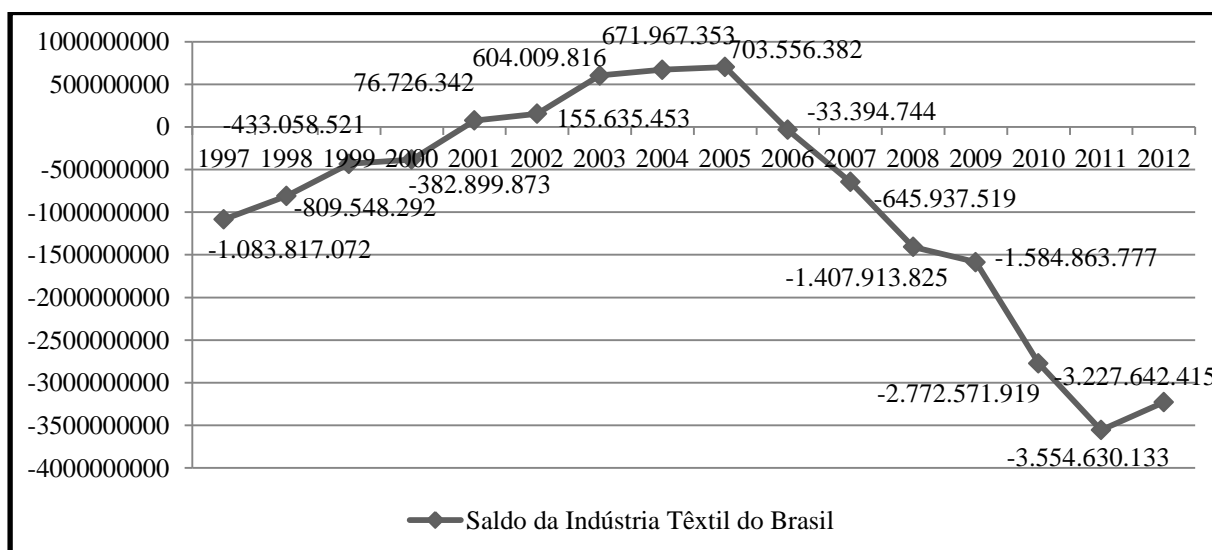


Gráfico 01: Saldo da balança comercial da indústria têxtil do Brasil no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Para Lopes & Vasconcellos (2008), o montante de importações de um país mostra relação direta com o nível de atividade econômica, assim como também a taxa de câmbio. Quanto maior a renda interna, maiores serão as importações. Da mesma forma, quando mais apreciada estiver a taxa de câmbio, mais barato fica o produto importado na comparação com

o nacional. As exportações dependem diretamente da renda do resto do mundo. Assim, quanto maior a atividade econômica internacional maior será a demanda, e conseqüentemente haverá reflexos positivos sobre as exportações, o mesmo acontecendo quando a taxa de câmbio se encontra desvalorizada.

O Gráfico 02 apresenta a balança comercial da indústria têxtil do Ceará, no período de 1997 a 2012. Pode-se notar que tanto o setor cearense quanto o brasileiro apresentaram a mesma trajetória, numa evidência de que as causas que levaram ao déficit da balança comercial na conjuntura nacional se propagaram em toda a economia do Ceará. Conforme o exposto por Lopes & Vasconcellos (2008) e relatado nos estudos do Souza *et al.* (2013), o saldo da balança segue a taxa de câmbio, quando o câmbio se encontra nas maiores taxas de desvalorização. Por exemplo, nos anos de 2002 a 2005, o saldo da balança comercial é positivo. Já os déficits dos anos seguintes estão ligados à valorização do dólar, assim como à crise evidenciada a partir de 2008, que reduziu a atividade econômica, enquanto a economia nacional continuou sua trajetória de crescimento.

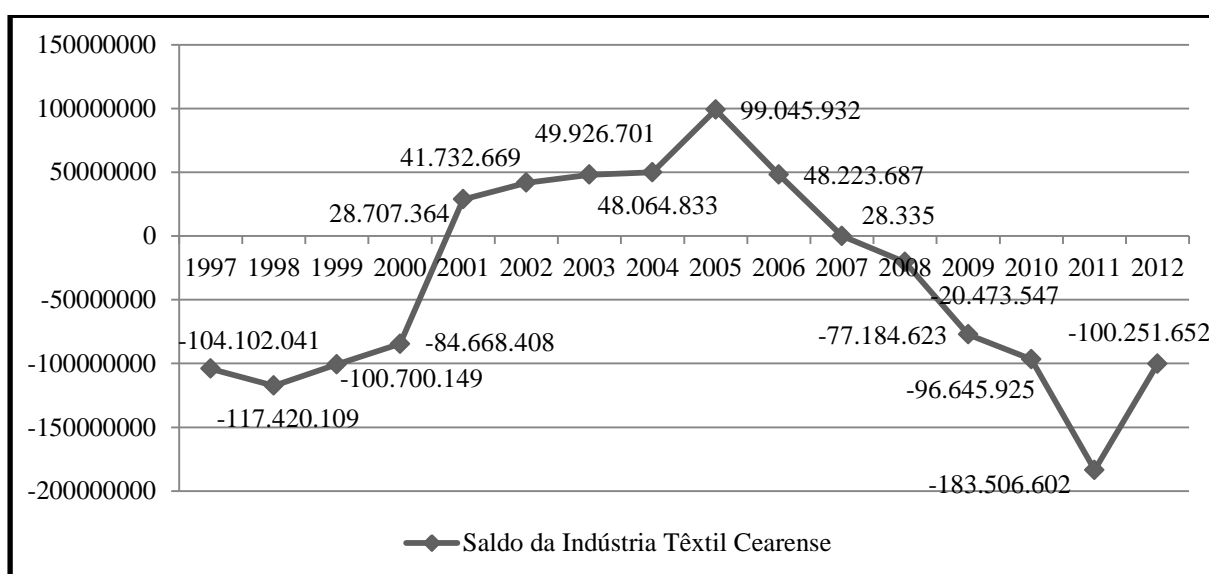


Gráfico 02: Saldo da balança comercial da indústria têxtil do Ceará no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Assim, registra-se que, o saldo da balança comercial, no Gráfico 02, era deficitário no período de 1997 a 2000. A partir de então passa a ser positivo, chegando ao pico em 2005, com um saldo de R\$ 9.904 mil, momento em que entra em queda tornando-se negativo em 2007, chegando ao vale em 2011, com leves sinais de recuperação em 2012.

4.1 – Indicadores de comércio internacional têxtil cearense

O Gráfico 03 traz o Coeficiente de Dependência das Importações que representa a participação das importações da indústria têxtil do Ceará sobre o seu produto total.

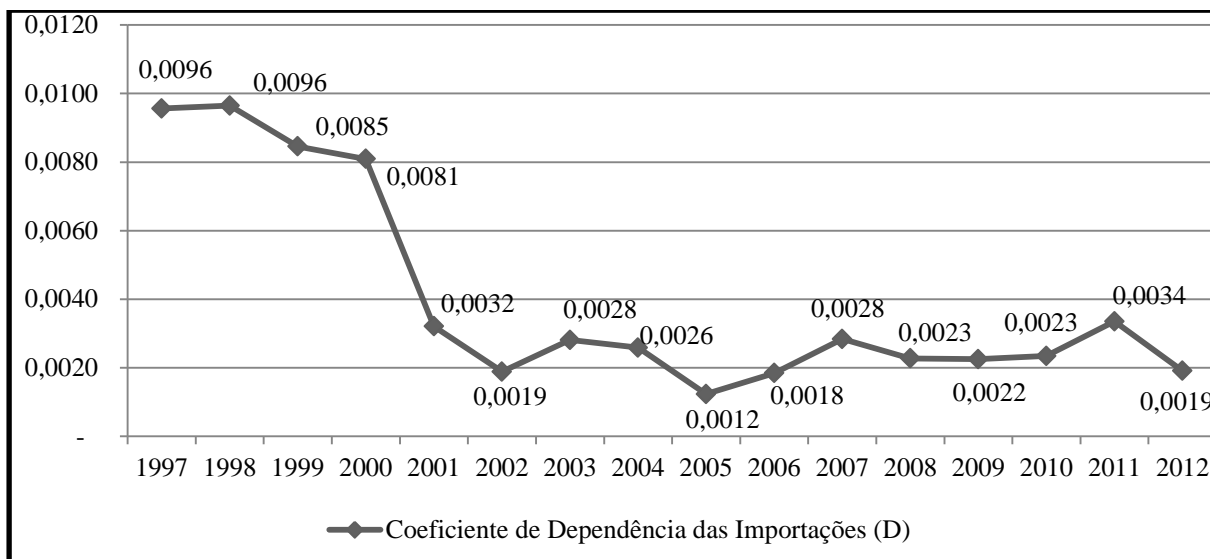


Gráfico 03: Coeficiente de dependência das importações da indústria têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Nota-se que o Ceará vem diminuindo a importância das importações da indústria têxtil sobre o seu PIB. No ano de 1997, o coeficiente apresentou seu maior valor, o que se manteve no ano seguinte, mas desde então, observou-se movimentação decrescente até o ano 2002, quando passou a oscilar de maneira menos brusca, chegando a 2012 com coeficiente de penetração inexpressivo.

O setor têxtil cearense é tradicional no que tange às exportações. Na década de 1990, a exportação do setor ocupava segunda ou terceira posição no *ranking* dos produtos exportados pelo Estado. Em 2007 apresentou o maior valor exportado, embora perdesse participação no que concerne ao âmbito nacional. Em 2012, apresentou o menor índice de exportação nos últimos dez anos, considerando a participação das exportações no montante total da pauta brasileira (SOUZA *et al.*, 2013).

A elucidar com o exposto, o Gráfico 04 contém o Indicador de Esforço de Exportação das indústrias têxteis cearenses. Esse indicador mostra a forma mais simples de se medir o grau de abertura econômica de um setor e indica a parte do PIB dedicada ao comércio internacional.

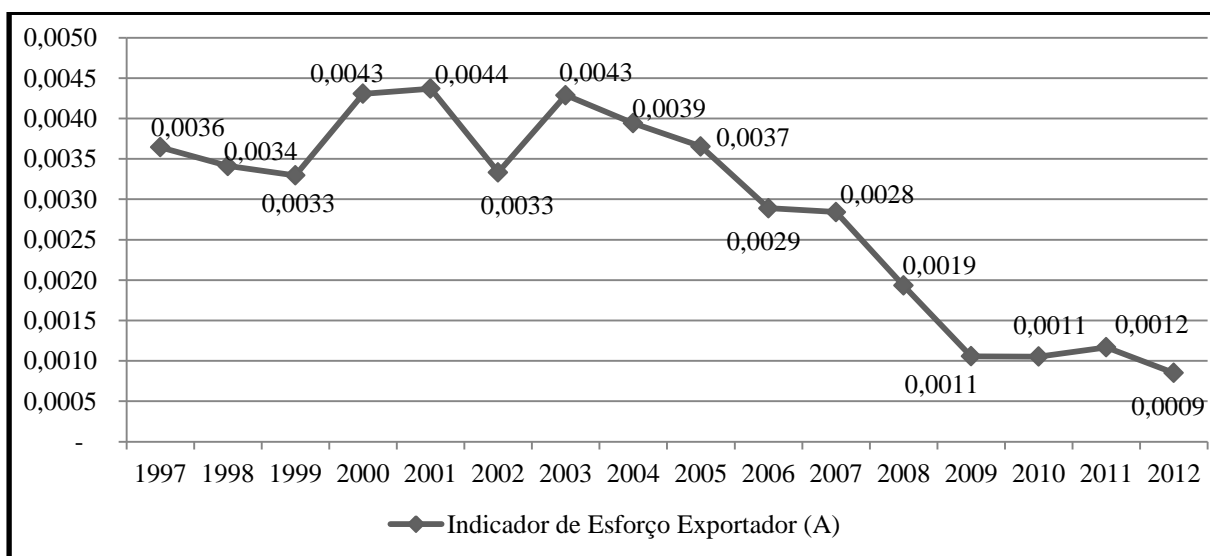


Gráfico 04: Indicador de esforço de exportação da indústria têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

No Gráfico 04, vê-se que, com o passar do tempo, vem diminuindo o Indicador de Esforço de Exportação. Tal fato indica que as exportações têxteis estão perdendo espaço na composição do PIB do Estado. O indicador tem seu maior valor em 2001, no ano seguinte sofre redução, e recupera-se em 2003. Daí em diante, o indicador toma uma trajetória declinante, chegando ao seu menor valor em 2012, denotando o pequeno grau de abertura da economia do setor têxtil.

O Índice de Verdoorn, mostrado no Gráfico 05, elucida a medição do comércio intraindustrial. Leva-se em consideração aí o montante de exportação e importação de dado setor, no caso o têxtil cearense.

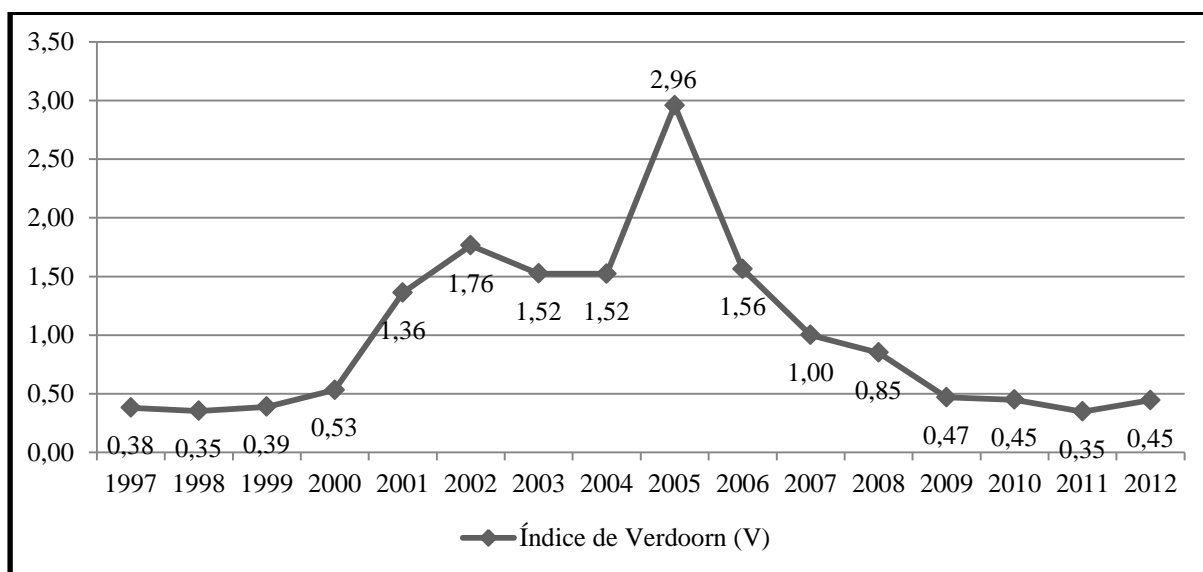


Gráfico 05. Índice de Verdoorn (V) da indústria têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Como se pode ver, ao longo do recorte de temporal, poucos são os anos em que o indicador se aproxima de 1. No entanto, pode-se concluir que existe baixo grau de integração do comércio intraindustrial do setor têxtil cearense. Em 2007, único ano em que o índice é igual a 1, houve a perfeita integração do setor no que tange às exportações e importações.

Para Viana *et al.* (2012), nos últimos anos as indústrias de calçados e a de petróleo estão ganhando espaço no que concerne à formação das indústrias de transformação do Ceará, enquanto o setor têxtil perde participação a cada ano na pauta de exportações do Estado. Porém, é oportuno destacar que, mesmo com a redução relativa das exportações deste setor, cresce o número de estabelecimentos acentuadamente nos últimos anos. Isso implica que há espaço para o desempenho desta atividade industrial no Ceará.

O Gráfico 06 mostra o Índice de Especialização Comercial da manufatura têxtil cearense no período que vai de 1997 a 2012. Esse indicador leva em consideração as exportação e importações têxteis do Estado.

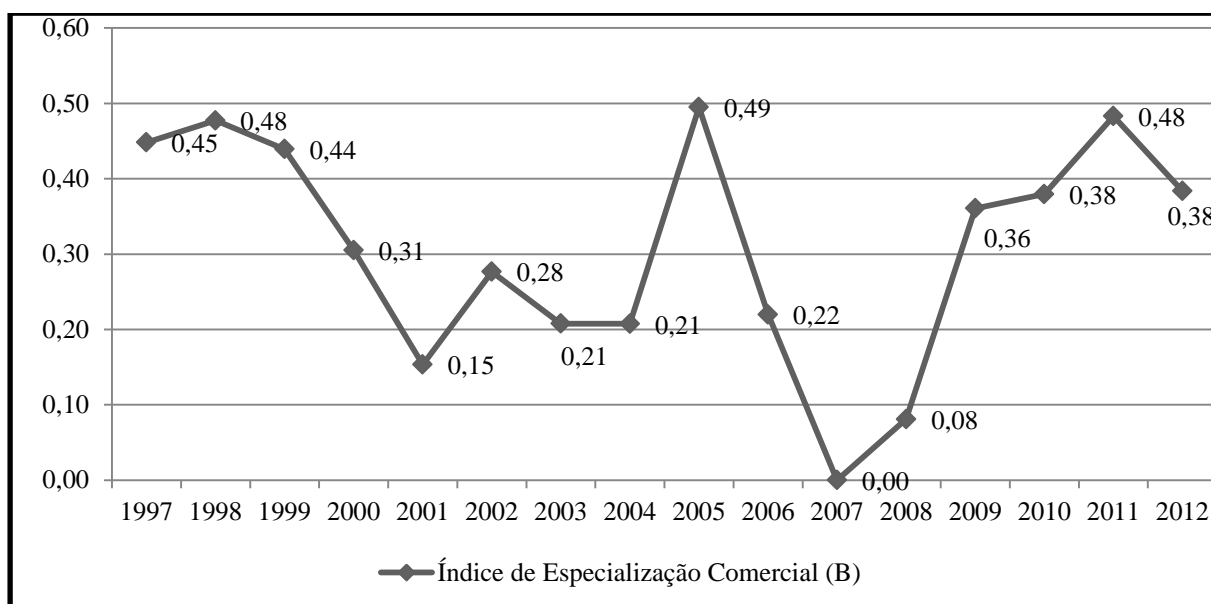


Gráfico 06. Índice de especialização comercial da indústria têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Nos primeiros anos que vão de 1997 a 1999, o índice localiza-se de forma mediana indicando que existe uma integração do setor, aqui no Ceará, com o dos outros países, mas não de forma completa. Em 2005, atinge 0,49 seu maior valor. Quando e com o fim do acordo de cotas de importação e exportações, o setor neste ano, segundo Viana *et al.* (2008), passa por um processo de reestruturação. No ano de 2007, o valor nulo do índice indica que o setor cearense têxtil encontra sua mais completa integração a idênticos setores localizados em outros países. Nos anos seguintes, o índice volta a aumentar reduzindo o grau de integração entre o setor têxtil cearense e o restante do mundo.

5. Competitividade revelada das exportações têxteis do Ceará

O processo de competição em uma economia globalizada estabelece um constante monitoramento por parte das empresas do cenário externo, como também inquietação quanto a assuntos como inovação, mudanças de tecnologia e exigência dos consumidores (ALVES, 2008).

A década de 1990, segundo Jinkings (2002), ficou marcada pela abertura econômica e a sobrevalorização do real, fatos esses que fizeram a indústria têxtil passar por dificuldade e perder competitividade nas exportações. Isso se torna evidente no Gráfico 07. No ano de 1997 a indústria têxtil cearense apresenta uma pequena vantagem nas exportações. Contudo, em 1998, há uma melhora no indicador e aumenta as vantagens nas exportações. 1999 é um ano de baixa, mas, com a passagem para um câmbio flutuante, segundo Silber (2002), acontece desvalorização da moeda nacional, ocasionando aumento das exportações, levando nos anos posteriores o setor a mostrar vantagens nas exportações no setor têxtil cearense.

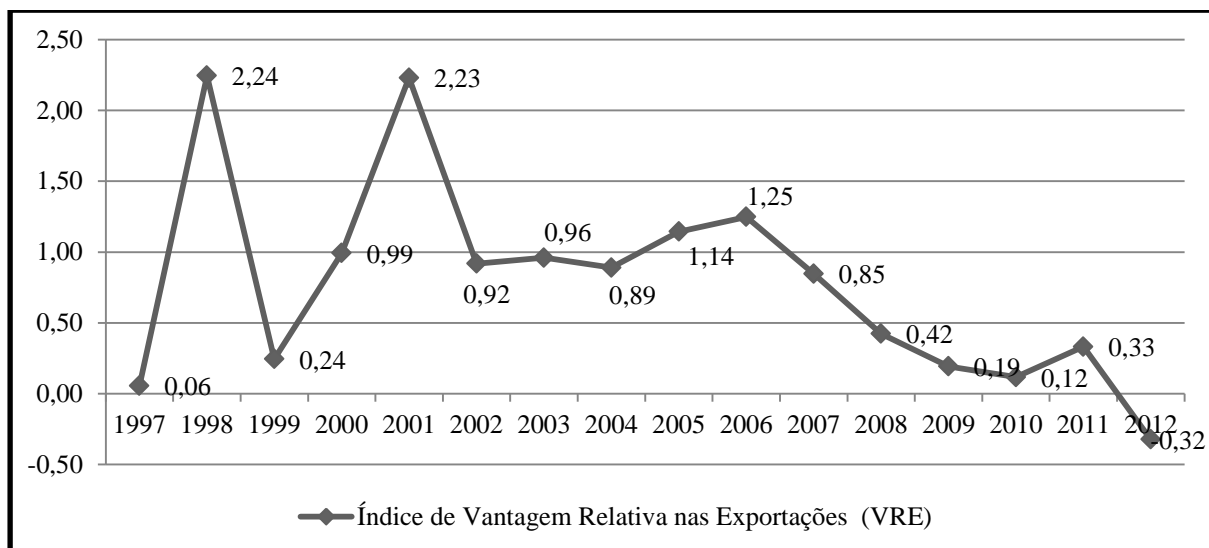


Gráfico 07. Índice de Vantagens Relativas nas exportações do setor têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

A partir de 2006, as exportações sofrem turbulência da conjuntura nacional e logo depois internacional: dólar em baixa, e também a crise de 2008. O índice entra em trajetória descendente. Mesmo o setor apresentando vantagens nas exportações, o indicador torna-se menor a cada ano. Em 2012 ele torna-se menor que 0, significando isso que a indústria têxtil cearense deixou de apresentar competitividade revelada nas exportações.

As importações e exportações brasileiras seguem o comportamento da taxa de câmbio e da elevação da demanda no comércio exterior na última década. As exportações aumentaram entre 2000 e 2005 por causa da expansão do comércio mundial, apesar da valorização cambial em 2004. Por seu turno, as importações apresentaram uma retração entre 2000 a 2002 e se recuperaram quando o câmbio volta a se valorizar (COSTA & ROCHA, 2009).

Conforme Campos *et al.* (2000), as empresas que buscam ganhar competitividade pautada na localização terão bons resultados se acertam na localização escolhida. Foi o que aconteceu durante a década de 1990: as indústrias tiveram ganhos de competitividade ao se instalarem no Ceará. Nos setores de baixo valor agregado, a redução de custos de produção e a aproximação dos principais mercados consumidores internacionais melhoram o desempenho no comércio internacional (Silva Filho, 2014).

O Gráfico 08 elucida o Índice de Vantagem Comparativa Revelada para a indústria têxtil do Ceará, no período compreendido entre 1997 e 2012. Trata-se de um índice mais abrangente, pois leva em consideração não apenas as exportações, mais também as importações do setor.

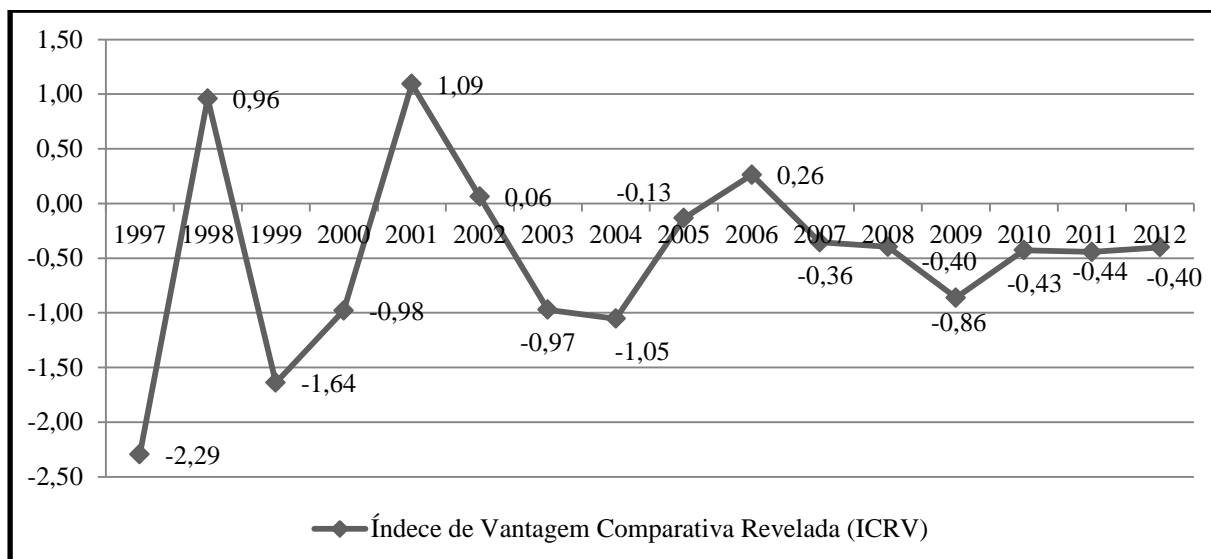


Gráfico 08. Índice de Vantagem Comparativa Revelada do setor têxtil cearense no período 1997 a 2012.

Fonte: Aliceweb/ MDIC, Elaboração própria.

Mesmo nos anos em que aparentemente a indústria têxtil possuía vantagens relativas nas exportações, tal não ocorre quando é usado o Índice de Vantagem Comparativa Revelada. Isso se vê no ano de 1997 em que o Ceará possuía desvantagem comparativa revelada para as exportações do setor têxtil. Apenas no ano de 1998 e em 2001, o Estado tinha vantagem comparativa revelada. Para os demais anos, inclusive 2012, o Ceará apresentou desvantagens nas exportações do setor têxtil. Tal circunstância indica o baixo grau de importância das exportações do setor têxtil cearense, quando considerado o comércio mundial do setor.

Nesse cenário, é importante para a competitividade da indústria têxtil que os governantes utilizem políticas para resolver os principais problemas, tais como: alta carga tributária; deficiência na defesa econômica; custo elevado do capital; melhorias da infraestrutura; desequilíbrios cambiais; e o crescimento alarmante das importações. Isso vem ao encontro do desenvolvimento do setor, que está atrelado ao aumento de renda e do emprego, tornando-se a indústria têxtil nacional competitiva (DINIZ FILHO, 2011).

6. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo observar o comportamento da indústria têxtil cearense no comércio interacional entre 1997 e 2012. Os dados foram oriundos do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Os resultados revelam que o Ceará vem perdendo participação no comércio internacional de produtos têxteis ao longo dos anos. Ademais, é oportuno destacar que a balança comercial têxtil brasileira foi deficitária de 1997 a 2000, com superávit entre os anos de 2001 e 2005 e aprofundando-se num déficit crescente a partir de 2006. No Ceará, a balança comercial têxtil refletiu a mesma tendência observada no Brasil com superávit e déficit nos mesmos anos já citados.

O indicador de esforço exportador observado para o setor têxtil mostrou uma redução acentuada ao longo dos anos. Conforme foi constatado, a indústria têxtil cearense perde

participação na pauta de exportação do Estado, em detrimento da elevação de outros produtos que vem ganhando importância ao longo dos anos.

No que se refere às vantagens relativas nas exportações, mesmo com redução acentuada ao longo do período analisado, é oportuno destacar que somente no ano de 2012 o registro foi negativo. Todavia, a redução foi acentuadamente elevada ao longo dos anos, já que o índice atingiu 2,24 em 1998 e 2,23 em 2001, tendo seu menor desempenho (positivo) em 2010 (0,12) e tornando-se negativo em 2012.

Em relação ao índice de vantagens comparativa revelada, os registros denunciam valores negativos na maioria dos anos observados. Isso, pois, revela que o Ceará, mesmo com mercado externo para seus produtos acaba sendo um grande importador. Nesse caso, o Estado não apresentou vantagens comparativas reveladas nas exportações têxteis, mostrado ser dependente do mercado externo, mesmo quando se produz em elevada quantidade.

Cabe, pois, a elaboração de políticas governamentais com o fito de incentivar a indústria têxtil cearense e integrar o mercado de produtos têxteis do Estado ao mercado internacional. Destarte, melhorar a performance das exportações têxteis torna-se de relevância significativa, já que o produto tem forte colaboração no PIB estadual.

7. Referências bibliográficas

ALVES, R. (2008). O Setor Confecções de Vestuário e Acessórios: Estratégias Competitivas. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco, 2008.

ARAGÃO, E. F. (2002). O Fiar e o Tecer 120 anos da Indústria têxtil do Ceará. Sinditêxtil-FIEC, Fortaleza, 2002.

ARAGÃO, F. J. P. (2005). O Impacto Social da Política de Incentivos Fiscais no Estado do Ceará o Caso de Maranguape. Dissertação de Mestrado. UECE, Fortaleza, 2005.

BALTAR, P. E. de A.. (2003). “Estrutura econômica e emprego urbano na década de 1990”. In: *Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90*. In: Proni, M. W. e Henrique, W. (org) – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP.

CAMPOS, M. J. C.; *et al.* (2000). Reestruturação Produtiva e Qualidade do Emprego Formal na Indústria Têxtil: um estudo comparativo entre as regiões Nordeste e Sul. UNICAP, Recife, 2000.

CINTRA, M. A. M. (2005). Suave Fracasso – a política macroeconômica brasileira entre 1999 e 2005. Revista Novos Estudos, novembro de 2005.

CÍCERO, E. C. (2011). “A indústria de calçados de Birigui: origem, reestruturação produtiva e formação de uma economia de aglomeração”. (*Dissertação de Mestrado*) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

COSTA, A. C. R.; ROCHA, E. R. P. (2009). Panorama da cadeia Produtiva têxtil e de Confecções e a Questão da inovação. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.

DEDECCA, C. S.. (2003). “Anos 90: a estabilidade com desigualdade”. *Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90*. In: Proni, M. W. e Henrique, W. (org) – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP.

DINIZ, C. C. (1996). Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. *Nova Economia*, vol. 6, nº 1, pp. 77-103, julho, 1996.

DINIZ, C. C. (2001). A questão regional e as políticas governamentais no Brasil. Texto para discussão nº 159, CEDEPLAR/FACE/UFMG, Belo Horizonte, 2001.

DINIZ, E. (2000). Globalização, reformas econômicas e elites empresariais. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DINIZ FILHO, A. (2011). Panorama do Setor Têxtil e de Confecções. ABTI, Brasília, 01 de junho, 2011.

FRANCISCHINI, N. S. A.; Azevedo, F. P. (2003) “Estratégias das empresas do setor calçadista diante do novo ambiente competitivo: análise de três casos”. *Gestão & Produção*, v. 10, n. 3, p. 251-265.

GUIMARÃES NETO, L. (1989). Introdução a formação econômica do Nordeste. Editora Massangana, Recife, 1989.

GUIMARÃES NETO, L. (1997). Trajetória econômica de uma região periférica. In: Dossiê Nordeste I. *Estudos Avançados* v. 11, nº 29, pp. 37-54, abril, 1997.

HERRERO, L. F. L. (2001). El comércio Internacional. Madri, Editora Akal, 2001.

JINKINGS, I. (2002). Reestruturação Produtiva e Emprego na Indústria Têxtil Catarinense. Dissertação de mestrado: UFSC, Florianópolis, 2002.

KON, A.; COAN, D. C.. (2004). “Transformações da Indústria Têxtil brasileira: A transição para a modernização”. *Revista Economia Mackenzie*. Ano, 3. nº 3. P. 11-34.

LOPES, L. M.; VASCONCELOS, M. A. S. (2008). Manual de Macroeconomia. Ed 3. São Paulo: Atlas, 2008.

NAVARRO, V. L.. (1998). “A produção de calçados de couro em Franca (SP): a reestruturação produtiva e os impactos sobre o trabalho”. (*Dissertação de mestrado*). Faculdade de Ciências e Letras da UNESP — Araraquara. Araraquara, SP.

REMY, M. A. P. A.; QUEIROZ, S. N.; SILVA FILHO, L. A. (2011). Evolução recente do emprego formal no Brasil: 2000-2008. *Revista da ABET (Impresso)*, v. X, p. 5778, 2011.

SEBRAE. (2010). Santa Catarina em Números: têxtil e confecção / Sebrae/SC. Florianópolis: Sebrae/SC, 2010. 59 p.

SILBER, S. D. (2002). Mudanças Estruturais na Economia Brasileira (1988-2002): Abertura, Estabilização e Crescimento. São Paulo, 2002.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N. (2009). Políticas de Concentração ou Desconcentração Industrial no Território Cearense?.APGS, Viçosa, v.1, n.4, pp. 315-336, out./dez. 2009

SILVA FILHO, L. A. (2014). Distribuição Espacial da Indústria no Ceará: Fases e Fatos no Contexto dos anos 2000. Revista Economia & Tecnologia (RET) Vol. 10(2), p. 107-130, Abr/Jun, 2014.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N. (2011). Precarização do emprego formal na indústria têxtil cearense e norte-rio-grandense - 1998/2008. Revista de Economia Política e História Econômica, v. 25, p. 139166, 2011.

SOUSA, M. G. G.; SILVA FILHO, L. A. (2015). Mercado de Trabalho Industrial em Regiões Metropolitanas do Ceará: Trajetória nos anos 2000. XIV Encontro Nacional da associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET. Anais..., Campinas – SP, 2015.

SOARES, F. A.; CARTAXO, S. M. S. (1987). Economia cearense: a indústria têxtil no contexto da indústria de transformação. R. Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 243-262, abri. Jun. 1987.

SOUZA, A. C. L. M. (2013). Dinâmica das Exportações Cearenses nos últimos dez anos. Informe, IPECE. n 58. Fortaleza, 2013.

VIANA, F. L. E.; *et al* . (2008). A Indústria Têxtil na Região Nordeste: Gargalos, Potencialidades e Desafios. Revista Produção online. ISSN 1676 - 1901 / v. 8. n.3. Santa Catarina. 2008.

VIANA, F. L. E.; *et al*. (2012). Fontes de Obtenção de Vantagem Competitiva em Empresas Industriais: Uma Análise nas Indústrias Têxtil e de Calçados do Ceará. Documentos técnico-científicos 43.n 3,2012.